

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 977	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	20 DE FEVEREIRO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



ERNESTO DRIESEL SCHRÖTER  
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA

## Chronica Occidental

Tomando uma rapida nota do que n'estes ultimos dez dias se passou, veremos com assombro que tudo mais proxima ou mais remotamente nos vem lembrar a guerra, ou possibilidades da terrivel visita d'esse monstro que Antonio Vieira nos descreveu em tão maravilhoso estylo.

De guerra nos falava o *Aquidaban* com seus musculos de ferro e poderosos canhões, a guerra nos lembra a poderosa esquadra agora surta na bahia de Lagos; de possibilidade de guerra toda a imprensa falou quando das notas diplomaticas trocadas entre os governos portuguez e allemão por causa dos sanatorios da Madeira; de guerra nos falam os telegrammas que chegam de Algeciras. E todos os sonhadores do seculo XIX, por alcu-

nha o das luzes, annunciavam o raiar da paz na mesma aurora em que havia de nascer o seculo XX, que, com seis annos apenas, já tanto sangue viu derramado nos campos de batalha e se entretém a agoirar com fumos de luto as bandeiras de todas as nações!

O partido dos homens da paz é cada vez mais numerozo e de maiores forças vai dispondo; mas parece que ainda é por enquanto pigmeu ao lado do monstruoso colosso inchado pela vaidade e pela ambição dos homens.

Não tenho agora á mão os vaticinios do grande Victor Hugo sobre o reinado da fraternidade que elle sonhava para muito perto. O sonho era um encanto, mas, logo que elle desabrochou em formosos versos, muitos se puzeram sorrindo. Talvez ainda algum dia venha em que nos faça chorar. Tão bello foi, e tão breve desfeito!

Não é o genio dos poetas, infelizmente, que ha de nunca governar o mundo.

Quando, antes de pegarmos na penna, recapitulámos os factos mais importantes, não cuidavamos ter de fazer um prologo d'estes á nossa chronica. A catastrophe do *Aquidaban*, que de tão cruel luto entristeceu o coração dos portuguezes, não se realisou em batalha, e, ainda mais por esse motivo, a desgraça commoveu profundamente. Mas tratava-se, enfim, d'um navio de guerra, engenhos de guerra foram causa de tantas mortes, e não pudemos deixar de mettermos entre os horrores da guerra a noticia de tamanho e tão barbaro desastre.

A imprensa portugueza, por iniciativa dos que melhores relações hão tido com o Brazil, iniciou o movimento, e é a nação tão amiga que Portugal brevemente demonstrará quanto no seu coração padece pela dor que feriu tão fundo os corações dos nossos irmãos. E' um dever manifestarmos, que não houve desgraça em Portugal que lhe não acudisse generosamente a compaixão do Brazil.

De duas formas Lisboa desmonstrará a seus irmãos brasileiros quanto lhe doem, no mais puro e santo da alma, a nova de tamanha desgraça, já hoje conhecida em todos os seus portmões crudelissimos. Uma parte d'essa manifestação será simplesmente o patentear por uma forma eloquente o sentir de todos nós; tratará a outra de auguriar os meios para lenitivo d'aquelles a quem a morte dos seus poude reduzir a precarias circumstancias. Já alguns theatros se offereceram para realisação dos espectaculos a que não faltará concorrência. O bando precatório, que ha de percorrer as principaes ruas da cidade, muito tem a esperar do coração generoso dos habitantes. Gratidão com gratidão se paga; amor com amor.

Se, ao menos, nos outros casos de que é obrigação nossa falar, pudéssemos encontrar igualmente estas provas eloquentes de fraternidade! Mas como? Quem, falando de guerras, espera encontrar tal sentimento?

Da conferencia de Algeciras poucas novas nos chegam que sejam para tranquillisar os animos. Vão os conferentes aos mesmos banquetes, ás mesmas festas, ás mesmas toiradas; mas quantos brindes se hão trocado entre soberanos em que muito pouco as palavras correspondiam aos pensamentos secretos de cada um! Quando da exposição universal de 1867, o velho Imperador Guilherme foi hospede de Napoleão III, e, passado bem pouco tempo, novamente entrava em Paris, á frente das suas tropas victoriosas. Se não ha que fiar em soberanos, que confiança nos devem merecer meias palavras de diplomatas, cuja sciencia não é muita vez mais do que a arte de saber mentir?

Tudo assusta quanto os arames nos trazem desde lá do sul de Hespanha. A's vezes até lembra casos de comedia. Veja-se este exemplo d'um telegramma de Berlim, colhido, um dia d'estes, no *Seculo*: «Berlim, 16, n. — Os jornaes guardam completo silencio sobre a conferencia de Algeciras, sendo este mutismo muito commentado.»

Lembrou-nos o Izidoro, que, n'uma peça ha muitos annos representada na Trindade, fazia um papel de ciumento; e, quando não encontrava coisa de que pudesse desconfiar, dizia: — A ausencia de signal será tão bem um signal?

O que se vê é que o dictado francez não tem n'estas coisas applicação. *Pas de nouvelles, bonnes nouvelles*, costumam elles dizer. Parece que,

tratando-se de Algeciras, é exactamente o contrario.

Quanto mais se fala da paz, mais os governos dos principaes paizes se vão preparando para a guerra.

Cá temos presentemente em Lagos, fazendo seus exercicios, novamente, a esquadra ingleza. Diz-se que, ainda este anno, ali vae exercitar-se a mais poderosa esquadra que se haja reunido alguma vez. E a Allemanha continua sonhando em ser dentro d'uns vinte annos a senhora dos mares!

*Már das Trevas* elle fôra o primeiro a relegar para um passado de ignorancias.

Espanta o enorme poderio maritimo dos ingleses; maior espanto ainda causa o lembrarmos-nos que muitas nações do mundo acodem com grande parte dos seus orçamentos para a criação d'um poder igual ou superior.

Como dissémos, é hoje a Allemanha a grande amiga da Inglaterra, amiga em tudo. Até nós, tão pequeninos, já algum tanto padecemos com isso, quando foi das notas diplomaticas a respeito da expropriação d'uns terrenos na Ilha da Madeira, que se destinavam para os sanatorios na ilha projectados pelo Principe de Hohenlohe.

Parece, porém, que o caso vai ter breve solução satisfactoria, estando disposto o subdito inglez, proprietario da quinta do Pavão, a deixar expropriar o terreno que o principe requereu para fundação de sanatorios e seus annexos.

A situação é esplendida, n'um dos pontos mais bellos da ilha da Madeira, e as photographias que vimos dos edificios e jardins mostram nos o cuidado que houve em offerecer aos visitantes uma estação podendo rivalisar com as melhores do estrangeiro.

Esta nuvensita parece que se desfez. Assim acontecesse ás muitas outras, á de Algeciras sobretudo, e á que se vai ennegrecendo e crescendo aos olhos do governo para as proximas eleições.

Isto não podia ir até o fim sem um bradinho de politica caseira. E' sina, havemos de cumpril-a.

Nem o estarmos tão perto do entrudo nos deu occasião para falarmos de theatro. E' que ainda o mais notavel seriam dois dramas, a *Transviada*, no D. Amelia, em beneficio de Lucilla, e, em D. Maria, mais uma serie de recitas do *Hamlet*, uma das grandes glorias de Brazão.

JOÃO DA CAMARA



### Ernesto Driesel Schröter

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA

Um facto de capital importancia para o nosso pais como de grande interesse para o commercio portuguez, impõe, n'este momento, a consideração publica um homem já de ha muito altamente cotado na nossa sociedade, por seus estudos economicos e financeiros

praticamente provados, a par da distincção de character de um gentleman, o sr. Ernesto Driesel Schröter, digno presidente da Associação Commercial de Lisboa.

Entre as demonstrações de amizade com que a Inglaterra em cada dia, em cada hora, mais está estreitando os laços de velha alliança com Portugal, conta-se a da recente fundação de uma Camara de Commercio Anglo-Portuguesa, devida á iniciativa particular do sr. barão de Sousa Deiró, que para o conseguir empregou dedicados esforços.

A inauguração da Camara de Commercio Anglo-Portuguesa devia realizar-se no dia 1 do corrente com a maior solemnidade, mas a morte do rei Christiano da Dinamarca occorrida em 29 de janeiro, cobrindo de luto a cõrte inglesa, tirou parte do character official áquella solemnidade, limitando-a a um banquete particular.

Para aquelle acto a commissão da nascente Camara de Commercio Anglo-Portuguesa convidou o presidente da Associação Commercial de Lisboa, convite que o sr. Schröter accéitou.

Melhor não poderia ser representado o commercio portuguez no grande centro commercial de Londres, e não o dizemos por delicada cortezia, mas por justa razão, se attendermos que poucos, na sua classe, reúnem maior somma de

conhecimentos economicos e financeiros, reforçados por longa pratica dos negocios sob o são criterio de uma intelligencia clara e illustrada.

No commercio se fez, se educou; n'elle equilibrou as suas qualidades de peninsular e allemão, porque nas veias lhe circula o sangue d'esse povo do norte, retemperando a tenacidade e reflexão d'esta raça com a vivacidade e facil assimilação do meridional.

D'este conjuncto resultou o seu amor ao trabalho, ao estudo utilitario que lhe permittiu facil entrada no mundo pratico, e cedo se soube impôr, na sua classe, pelo juizo e bom conselho, que mais tarde lhe franqueou a entrada no centro da alta finança e economia social e politica.

Nas regiões do poder muita vez seu conselho tem sido requerido, em questões de commercio, de industria e de finanças, por considerados homens eminentes da politica.

Para privar com as sumidades politicas do nosso pais basta o sr. Schröter ter estado á testa da direcção dos bancos Commercial de Lisboa e do de Portugal, onde a sua gerencia, de cerca de dez annos, foi notavel, tendo atravessado o periodo da inconveritabilidade da nota, sendo então vice-governador do Banco; o pertencer á administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes; o ter feito parte da *regie* dos tabacos, substituindo em seus impedimentos o presidente, que era então Oliveira Martins, e muitas outras commissões de serviço official e particulares, onde sempre tem provado seu grande tacto administrativo e vastos conhecimentos, a par de inextinguivel zelo e actividade.

As grandes faculdades de trabalho do sr. Schröter e vigorosa força intellectual teem, por aquelle facto, sido avaliadas de perto por homens de todas as parcialidades politicas, entre os quaes podemos citar alguns que já não pertencem a este mundo, como Antonio de Serra Pimentel, Oliveira Martins, Barros Gomes, Marianne de Carvalho e Emygdio Navarro, e alguns em pleno vigor da vida, como Hintze Ribeiro, Julio de Vilhena, João Franco, Pereira de Miranda, etc.

E' este o presidente da Associação Commercial de Lisboa e que foi a Londres representar esta respeitavel corporação, como representou o commercio portuguez, na inauguração da Camara de Commercio Anglo-Portuguesa.

Da forma como o sr. Schröter representou a corporação a que pertence, no banquete que lhe foi offerecido, pôde bem avaliar-se pelas attentões que lhe dispensaram e pela maneira por que fôllou no brinde que lhe competiu.

Desejavamos bem reproduzir na integra o substancioso discurso pronunciado em inglês pelo sr. Schröter, mas o espaço de que dispomos não nos permite, e assim nos limitamos a dar alguns periodos, que confirmam plenamente o que temos dito a respeito dos seus vastos conhecimentos, revelando ainda que lhe não é desconhecida a historia patria.

Eis alguns trechos do discurso, referentes á antiguidade das relações commerciaes de Portugal com a Inglaterra:

«As boas relações entre Portugal e a Inglaterra são antiquissimas, não só as relações politicas mas commerciaes. Logo no principio da monarchia portuguesa a politica de Affonso Henriques estabelece uma *entente* com a Inglaterra. E foi essa politica que lhe inspirou a escolha de uma esposa para o primeiro rei de Portugal e a escolha de um marido para sua filha.

«As relações politicas de character amigavel entre os dois reinos determinaram as suas relações commerciaes. Em 1204 era celebrado um tratado commercial entre o rei D. Diniz e o rei Eduardo I de Inglaterra. Era o primeiro tratado commercial effectuado por Portugal e o terceiro realisado por Inglaterra. O tratado mais antigo celebrado por Inglaterra foi concluido em 1217. O outro pais contractante era a Noruega. Como, vêdes, senhores, no concurso para a prioridade das relações commerciaes com a Inglaterra, Portugal surge n'um excellento terceiro lugar.

«Em 1353, D. Diniz, filho de D. Affonso IV, e Eduardo III de Inglaterra, concluíram um tratado no qual se especificava que «os povos ou vassallos de qualquer das partes contractantes não fariam allianças com inimigos, apparentes ou adversarios da outra parte, nem os ajudaria fosse no que fosse.» Por este tratado foram adoptadas algumas importantes leis maritimas, e regulados os direitos de pesca dos portuguezes e dos ingleses em aguas britannicas. Não ha duvida que foi este o mais importante tratado, concluido por qualquer rei da dynastia portuguesa, com a Inglaterra. E se se considerar que o primeiro trata-



O ACTOR BRAZÃO NO HAMLET

Preparam-se, rosnando e mostrando os dentes uma á outra, as duas nações mais poderosas da Europa.

O sr. D. Carlos partiu para Villa Nova de Portimão, aonde chegou na sexta-feira de manhã. D'ahi seguiu logo em trem descoberto para Lagos, onde foi recebido pelas auctoridades da terra. Já o esperavam na bahia o yacht *D. Amelia* e o couraçado *Vasco da Gama*. Poucas horas depois, entrava na bahia o cruzador-aviso *Pathfinder* annunciando a esquadra para o dia seguinte de manhã.

A animação é grande em Lagos, como das outras vezes em que a esquadra tem visitado a bahia. Os exercicios são como festas para todos os que presenciam o espectáculo soberbo. Cada navio parece ter uma alma, com tão espantosa precisão cada qual toma no exercicio a parte que lhe compete. Manobras envoltas em fumo; desfazem-se os rolos espessos e cada vaso de guerra apparece fundeado no alinhamento que lhe fôra marcado, na linha competente, sem um desvio.

Que diria o fantasma do Infante D. Henrique, tão orgulhoso de suas pequenas caravelas, se descesse sobre o promontorio sacro, e d'elle observasse os progressos da navegação e soubesse que, era afinal obta de alguns dias para os homens de hoje ir até aos confins do Oceano, cujo nome de

do de commercio que a Inglaterra fez com a sua mais proxima vizinha — França — é datado de 1471, reconhecer-se ha quão antigos e intimos são os extremos de amizade que unem Portugal e Inglaterra nos seus emprehendimentos commerciaes. Reclamamos, pois, para nós, quer a *entente cordiale*, quer a *entente commerciale*.

«Ha, porém, coisa mais curiosa, e, para nós homens de negocio, um facto mais importante na historia das relações commerciaes entre Portugal e Inglaterra. N'esse mesmo anno de 1353, um negociante português de vinhos, chamado Affonso Martins Alho, foi enviado a Inglaterra pelos commerciantes das cidades maritimas de Portugal para negociar um tratado — se tão pomposo nome se pôde dar a um convenio entre particulares — com os cidadãos d'esta grande metropole de Londres, que, além de conter muitas clausulas technicas referentes a ramos especiaes de negocios, garantia mutua boa fé em todos os assumptos de trafego e commercio. E' este o unico caso, que conheço, ser negociado um tratado e homologado, não pelo governo, mas pelos negociantes de duas nações.»

«A alliança ingleza foi tão intima durante o periodo decorrido desde a segunda metade do seculo XII até ao fim do seculo XV, que, em deseseis tratados de paz ou alliança que os soberanos ingleses concluíram com a França, Escocia, rei dos romanos e de Hespanha, Portugal foi sempre incluído como aliado da Gran-Bretanha.»

«Houve uma época, quando prevaleciam as clausulas do tratado de Methuen, que os vinhos portugueses eram preferidos em Inglaterra. Thackeray, n'um dos seus romances falla dos vinhos de Collares — Collares verdadeiro gentleman escusado será dizer — como um fino apreciador dos nossos dias fallaria do Chateau-Margaux: «Então cada cavalheiro costumava beber uma ou duas garrafas de vinho do Porto depois do jantar. Havia muitos bebedores de *tres garrafas*, alguns de *quatro*, poucos de *cinco*, e lembro-me de ter lido n'um livro inglez que ha cem annos, havia em Londres dois de *seis garrafas*. Um d'elles era um duque inglêz. Estou certo que o actual representante d'esse copo nunca sonharia em realisar a extraordinaria façanha do seu nobre antepassado. Estimo-o pelo actual duque. Mas não posso deixar de me entristecer pelo commercio do vinho do Porto.»

«Depois d'um tão esplendido jantar, como este para que me fizeste a honra de me convidar não suggero que promovais as relações commerciaes dos nossos países pela mesma espirituosa maneira adoptada pelo velho duque e seu socio ha cem annos atrás. Não tenho duvida comtudo que a Camara de Commercio Anglo-Portuguesa pôde ter salutar influencia no nosso reciproco trafego, e, para esse fim, contaes como certa a cooperação da Associação Commercial de Lisboa.»

«Alliemo-nos todos com a idéa de que se deve celebrar uma convenção commercial entre os dois países, baseada na reciproca clausula de nação mais favorecida na sua navegação e commercio. Uma convenção semelhante determinaria breve muitas vantagens para o commercio britannico com Portugal e daria tambem a Portugal uma compensação na importação dos vinhos portuguezes para o vosso paiz, sem mudar a politica fiscal de Inglaterra.»

Assim discorreu o sr. Schröter sobre pontos historicos que mais convinha frisar, tratando-se das relações commerciaes entre os dois países.

Ao sr. Schröter respondeu Sir Albert Rollit, ex-ministro da Camara dos Communs e ex-presidente da Camara de Commercio de Londres, com palavras extremamente agradaveis para Portugal, referindo-se aos descobrimentos maritimos dos portuguezes, e sua influencia no commercio do mundo; á velha alliança entre os dois países e á conveniencia de um tratado de commercio, para o qual julga o momento opportuno, devendo a Camara de Commercio Anglo-Portuguesa, agora fundada, ser um poderoso elemento para conseguir esse tratado e desenvolver o commercio entre Portugal e Inglaterra.

No mesmo sentido discursou o sr. barão de Sousa Deiró entusiasta fundador da Camara de Commercio Anglo-Portuguesa.

Tudo leva a crer que não será infructifero o trabalho empregado para desenvolver as relações de commercio com a Gran-Bretanha, e chegan-

do se a um resultado satisfatorio, o commercio português terá a creditar mais um serviço de alta importancia ao sr. Schröter, que tão distincta e honrosamente o tem representado dentro e fóra do paiz.

\*\*\*

## VILANCETE

### MOTE

Pedi a vida, Senhora,  
aos vossos olhos astraes  
e com elles me mataes.

### VOLTAS

Toda a minh'alma embebida  
no brilho do vosso olhar  
julguei, Senhora, encontrar  
n'esses olhos, minha vida.  
Mais uma esperança perdida  
pois não só me enfeitiçaes,  
Mas com elles me mataes.  
Não me negueis vosso olhar  
julgando tornar-me á vida.  
A morte assim é-me querida  
Morrer assim é gosar.  
Não penseis em afastar  
os vossos olhos astraes  
pois com mais dór me mataes.

AMADEU JURQUEIRO.

\*\*\*

## A conferencia de Algeciras

Sobre esta conferencia, a que já nos referimos em o n.º 975 do OCCIDENTE, temos hoje a acrescentar mais algumas illustrações que são ao mesmo tempo documentos importantes para a historia, como a gravura que representa uma sessão da conferencia, em que se acham reunidos todos os delegados das potencias, na sala dos paços do concelho de Algeciras.

Esta gravura é reproduzida com a maxima nitidez, de uma photographia em que foram colhidos pela objectiva os diplomatas das nações, sentados em roda da grande mesa e são, a principiar da direita da estampa em volta até á esquerda: Mr. Sager, Mr. Bacheracht, Conde Cassini, sr. Martens Ferrão, Conde de Tovar, Barão Testa, Mr. Ma' musí, Marquez Visconte Venosta, Sir A. Nicolson, Mr. Revoil, Mr. White, Mr. Perez Caballero, Mr. de Radowitz, Duque d'Almodovar, Mr. de Tattenbach, Conde Welsersheimb, sendo os primeiros á esquerda da gravura os delegados marroquinos. Á direita da gravura vêem-se mais dois marroquinos que são os interpretes. Em pé por detraz dos delegados das potencias estão os respectivos secretarios.

Como se vê os delegados das potencias estão todos reunidos em Algeciras e tem celebrado regularmente as suas sessões, se bem que não tenham chegado por enquanto a resolver definitivamente sobre nenhum dos pontos do programma apresentado.

Não se pôde ainda contar nenhum resultado pratico da conferencia, e a febre da *reportage* publicando noticias sobre noticias, com a precipitação de mal reprimida impaciencia, conserva os espiritos na duvida do que ali se passa, tornando-os cada vez mais apprehensivos sobre os resultados da diplomacia para resolver esta velha questão de Marrocos.

Os muitos interesses que a maioria das potencias tem n'aquella parte da Africa, em garantir o seu commercio e em preponderar, querendo cada uma para si essa preponderancia, será o maior obstaculo para se chegar a accordo.

A França e a Hespanha consideram-se como as que mais direito lhes assiste de preponderarem em Marrocos. A' primeira basta-lhe a vizinhança na sua grande fronteira da Argelia, para justificar a sua pretensão; a segunda tambem pela vizinhança e occupação de alguns pontos da costa, não obstante ter deixado perder a posse do porto de Agadir Fonti fundado pelos portuguezes e que d'estes herdou, quando da desastrosa campanha de Alcaçer-Kibir.

Ora é justamente o policiamento das fronteiras

de Marrocos como o da costa de mar, que mais está preocupando a diplomacia na conferencia agora reunida, parecendo que o representante da Allemanha não concorda que essa missão se reserve apenas á França e á Hespanha.

Haverá, pois, que encarregar essa missão a uma terceira potencia?

No caso affirmativo, a que potencia assistiria mais o direito de policiar na costa atlantica de Marrocos para a supressão do contrabando?

Portugal tem os seus delegados na conferencia, e estamos certos que não ignoram a historia, como não ignoram o prestigio que o nome português tinha ainda não ha muito em Marrocos e, porventura, o terá ainda hoje. N'estas circunstancias não seria bem aceite a intervenção de Portugal no policiamento da parte da costa de Marrocos, nossa vizinha pelo Algarve e pela Madeira?

Estamos certos que os diplomatas portuguezes que se encontram na conferencia de Algeciras, mais de uma vez lhe terá pulsado o coração no desejo de fazer recordar nossos direitos historicos, que nenhuma outra nação os poderá contestar; entretanto acima do desejo de restituir á patria o prestigio d'outras eras, devem estar as instrucções que receberam do governo português, que parece não querer tomar maiores responsabilidades n'esta questão.

Tocámos apenas muito de leve este ponto, para que aqui não passasse sem reparo, e aguardemos os resultados da conferencia, que tanto está preocupando os espiritos, na expectativa da guerra ou da paz, que mais convem a todos.

Nós vamos pela paz.

## Giannina Lucaceska

D'entre as cantoras escripturadas pelo sr. commendador José Pacini para a actual temporada lyrica do theatro de S Carlos, tem sobresahido no primeiro plano a sr.ª Giannina Lucaceska e por isso o OCCIDENTE lhe publica o retrato acompanhado d'algumas palavras de justo louvor.



GIANNINA LUCACESKA

Muito sympathica, d'uma elegancia verdadeiramente fidalga, Giannina Lucaceska, além de captivar o publico pelas suas invejaveis aptidões artisticas, soube tambem pela amabilidade e intelligencia, que a caracterizam, conquistar a estima de quantos de perto tem tido occasião de a conhecer.

Em differentes operas nos provou o seu grande merecimento como cantora e como actriz; nomeadamente na *Damnation de Faust*, onde, na parte de Margarida, talvez o seu melhor trabalho da época, deu curso á bem timbrada voz de *mezzo-soprano* que possui, e mostrou ser uma excellente *musicienne*.

Tambem tem jus a menção especial a fórma como a gentil *prima-donna* desempenhou o pape

## A Conferencia de Algeciras



NA PONTE DE ALGECIRAS—OS DELEGADOS DAS POTENCIAS



M. REGNAUD      MR. REVOIL  
secretario      delegado  
A MISSÃO FRANCEZA

de Ortruda do *Lohengrin*, de Wagner, de difficil execução, e em que se houve com muita felicidade.

Já em 1900, quando, no principio da sua brilhante carreira, esteve em Lisboa, se distinguio no Colyseu dos Recreios, cantando a Amneris da *Aida*, a Laura da *Gioconda*, e as protagonistas da *Favorita* e da *Carmen*.

E', portanto, uma artista de incontestavel valor porcujo contracto felicitamos o digno empresario do nosso theatro lyrico.



### Provas do 5.º anno do curso de esculptura na Escola de Bellas Artes, do Porto

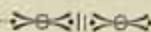
Os baixos relevos que reproduzimos nas gravuras da pagina 37 são as provas de dois alumnos da Escola de Bellas Artes do Porto, que concluíram o curso de esculptura.

Como se sabe o professor d'este curso é o insigne esculptor Teixeira Lopes, uma gloria da arte portuguesa, que vae ramificando em seus discipulos, a quem elle não occulta os segredos da arte, animando e incitando ao trabalho aquelles em que elle encontra alguma centelha de talento.

N'estes casos estão os seus discipulos srs. Antonio Alves de Sousa e José d'Oliveira Ferreira, dois moços com decidida vocação para a esculptura, a julgar pelas provas que apresentam e que são realmente duas obras de valor.

O motivo dos baixos relevos é: uma mulher do povo, conduzindo duas creanças, cae debilitada pela fome em um banco da praça publica. Rodeiam-na populares procurando reconfortal-a...

Este motivo foi bem desenvolvido pelos distinctos alumnos e magnificamente executado, revelando dois artistas de valor, que seguramente devem orgulhar o mestre e de que a arte portuguesa muito tem a esperar.



### UMA PAGINA D'ALMA

Assim classifico aquella que um a migo querido traçou a lapis em hora de insônia, durante a noite de 13 para 14 do corrente, e que, ao despertar, me ofereceu para comentario.

O autor, Miguel d'Arriaga, possui uma propriedade no concelho d'Almada, a qual, constitue para elle, pelos

e feitos indiziveis de luz de que é teatro majestoso, o sonho realiado do seu ideal de apostolo nos altares da Natureza, exuberantissima de seiva.

He quem chame ermitão a este amante do bello na sua forma excelsa de encantadora poesia e mais profundamente moral; mas, com certeza, fazendo o, não se recorda do que valeu nos filhos da Hêlade para o esplendor historico do seu nome inolvidavel a atmosfera de limpida luz que lhes banhava as fronteas, acendrando-lhes o espirito e as facultades creadoras.

Ajuizem porém os leitores, pessoalmente, lançando olhos de vêr à propria pagina referida, que vou transcrever em seguida, tal como saiu das mãos de Miguel d'Arriaga:

### Folhas soltas da minha visão de Deus e da immortalidade da alma humano-divina

«A juventude feminina é como uma flôr que vem do ceo fructificar o bem no mundo; mas dá o fructo conforme o culto que o mundo lhe presta. Assim, por meio do amor e da maternidade se



UMA SESSÃO DOS DELEGADOS DAS POTENCIAS NA SALA DOS PAÇOS DO CONCELHO DE ALGECIRAS  
(Clichés do enviado especial do OCCIDENTE, sr. Benoliel)



BAIXO RELEVO POR JOSÉ D'OLIVEIRA FERREIRA



BAIXO RELEVO POR ANTÓNIO ALVES DE SOUSA  
PROVAS DO 5.º ANNO DO CURSO DE ESCULPTURA DA ESCOLA DE BELLAS ARTES DO PORTO  
(Clichés da Photographia Guedes)

vae lavando e vestindo de novo em cada geração a humana vida, até que condignamente possa comparecer ante as ethereas e eternas regiões de nossos paes suprêmos — Deus e a Natureza — na sua eterna conjugação de vida maternal com o seu paternal entendimento.

Assim, a Natureza é a alma-mãe da vida que divinisa o Universo, vida representada no mundo pela mulher. Deus, o pae espiritual que no entendimento do homem tão eloquentemente se nos reflecte. A Humanidade, a sua filha dilecta que vem evocar nos na creança.

Quem na terra por intermedio da alma feminina melhor puder assimilar a substancia que a mãe suprêma no seu seio a todos faculta, mais facilmente pelo entendimento poderá conhecer a existencia do pae que está no céu.

Na pureza do seu sentir, o que se passaria na alma de Jesus ao lado de Maria, irmã de Martha, ao dizer a esta: Martha, Martha porque te affliges tanto com as coisas d'este mundo, quando o melhor quinhão pertence a Maria...? Sacrillega profanação cometeria eu, se tentasse interpretar sequer o que haja de symbolico na expressão harmoniosa de taes conceitos philosophicos.

O que revelam na essencia e na exteriorisação escolhida, é um espirito que tem subido na linha ascensional verdadeira e que não precisa nem quer esconder-se em ficticios devaneios ao brado e sollicitações da sua propria consciencia.

Que não se restringe o ser a simples virtualidade injenita, prova-o a aspiração do existente nos anseios fervorosos de liberdade plena e ampla.

Não desta liberdade que vitimou Espartaco á testa dos escravos na Italia antiga e que glorificou o presidente Lincoln a troco da vida, mas da liberdade em que não ha liames materiaes de especie alguma, e em que, descerradas em fim as portas do mysterio a Natureza se clarifique nas fontes da vida e Deus transpareça no amor da humanidade.

Natureza, Deus, Homem, são trio sublime na ordem primordial da fenomenalidade aféctica e completo integramento de potencia infinita na estupenda maravilha da universal irradiação.

A ciencia avança e resfolega como as brisas na vastidão do espaço, e deste resfolgar incomparavel insinua-se a lei d'amor, na mulher, leitefiador de realza e pedestal autentico de transfiguração.

Importa não poluir a açucena, que não tem culpa de ser branca e das insidias do aquilão, e venerar-lhe na cor natural a alvura da nobreza e a elevação do destino.

A mulher como o formoso lirio não é responsável por sua fragilidade é o mundo que deve suspender-se para não desvia-la na carreira bem-dita e não confundi-la no lodo miseravel.

Que direito nos assiste para interromper o que é missão divina e alterar no caráter o que não é privativo da terra?

O trigo é indispensavel ao corpo, mas ainda vale mais a contemplação da verdade do arroubo psicologico do entendimento.

E' tambem alimento este arroubo, e alimento que se converte em esperanças, esperanças que se desatam em alegres transportes, alegres transportes que se reproduzem e verificam na aurora de cada berço; no semblante de cada novo peñhor da humanidade rejistado fisiologicamente pelo ministerio maternal!

Entranças de mães e engenhos de benção, casam-se, unificam-se, identificam-se, para melhor sorvêr no aprumo de perfectibilidade crescente e progressiva a docura procedente de Deus para a Natureza, e da Natureza, incenso vivificador que do coração da mulher se evola para o fóco primitivo e originario, e da Natureza, reverter para o mesmo Deus.

Estava por certo em sintese no peito de Jesus, nos dias do Evangelho, a ciencia do amor infinito e a consagração doutrinar dos altos principios na atração empolgante da verdade.

Não o amaram pelo pão e pelos peixes que farta-sem a estomagos famintos, aquêles que o compreenderam; mas por haver intima correlação individual de sentimento, por existir apêgo intimo e indissolúvel de simpatia entre suas pessoas e o ho-pedê de Marta e de Maria.

Que vinguem, a delicada complacencia espiritual, a civilisadora incidencia da idéa maternal e o culto de respeito sempre mais arraigado a Deus e á Natureza, que vinguem não já em formula e por formalidade, mas por testemunho de convicção ardente e por impulso demonstrativo de grata afinidade perante o quadro grandioso e imponente, que nas cintilações dos mundos em suas orbitas, e na arfar das mães junto dos filhos neste globo

terraqueou desenham, nitido, o cunho divino, anunciam inexgotavel a fecundidade pujantissima do amor!

D. FRANCISCO DE NORONHA



## D. Alvaro da Costa

SEU RETRATO E SEPULTURA

(Excerpto do cap. VII, do livro «A Santa Casa da Misericordia de Lisboa»)

Na sala da Mesa e gabinete do Provedor admiram-se, entre outros, tres magnificos quadros.

Tem o primeiro logar o grande quadro pintado em madeira, que representa o *Casamento d'el-rei D. Manuel*.<sup>1</sup>

Em 1880 o sr. Vavassous Earles, de Londres, pediu á Administracão da Misericordia uma photographia d'este quadro. A mesa resolveu acceder ao pedido, mandando primeiro limpar e restaurar<sup>2</sup> o quadro, do que encarregou o pintor sr. Nunes Prieto.<sup>3</sup>

Em seguida foi o quadro photographado pelo artista Muñiz Martinez, que depois enviou á Mesa doze exemplares para serem vendidos por conta da Casa.<sup>4</sup>

Acerca d'este notavel quadro escreveu o abade Castro um folheto intitulado: *Resumo historico sobre o quadro a oleo representando o acto do casamento d'El-Rei D. Manuel com a senhora D. Leonor*. Lisboa, Typographia Universal, 1881, 6 pag., in-8.<sup>5</sup>

Em um valioso artigo publicado na *Arte portugueza*, n.º 6, de 1895, diz-nos o sr. Gabriel Pereira que D. Alvaro da Costa, que foi provedor da irmandade, encommendou a pintura d'elle ao toledano Blas del Prado, discipulo de Pedro Berruguete.<sup>6</sup> Não será talvez muito digna de confiança esta attribuição de Guarienti. A opinião dos mais entendidos julgadores e artistas é de que o quadro se filia de uma maneira perfectamente definida na antiga escola portugueza de pintura, outr'ora attribuida ao lendario Grão Vasco.

É um magnifico specimen de quadro de costumes. Tem doze figuras, todas ellas consideradas como verdadeiros retratos. No primeiro plano estão D. Manuel e D. Leonor; o sacerdote deve ser D. Martinho da Costa, arcebispo de Lisboa, e ao fundo vê-se o Provedor D. Alvaro da Costa, com o manto de cavalleiro da ordem militar de Christo, sobre o qual em letras douradas se lê:

*D. Alvaro da Costa primeiro provedor d'esta casa*

Ignora-se qual a milagrosa fórma por que escapou ao terremoto esta preciosidade artistica, da qual teem sido copiados os retratos das personagens que n'ella figuram.

Na publicação artistica intitulada *Album do centenário, trechos de arte manuelina*, encontra-se o retrato de D. Manuel, reproduzido pela photographura, segundo o original d'este quadro.

Os retratos de D. Alvaro, do arcebispo D. Martinho da Costa, do rei D. Manuel e da rainha D. Leonor, dados á estampa em varias publicações illustradas, teem sido copiados d'esta antiquissima pintura.

O letreiro da figura de D. Alvaro da Costa traz-nos á tela da discussão um assumpto mal averiguado, e para o qual não encontramos elementos de segura e positiva resolução. Na lista dos Provedores, que adiante publicamos, não figura este fidalgo como primeiro Provedor; começa essa relação no anno de 1533, o que nos leva a crêr que D. Alvaro teria sido Provedor em tempo de el-rei D. Manuel, que tanto o distinguia, ou dentro do periodo que decorre desde 1505, morte de fr. Miguel Contreiras, até 1521, ou d'ahi até 1533. Não pode ser exacta a explicação dada pelo sr. Gabriel Pereira, no citado artigo, de ter sido o primeiro Provedor depois que a irmandade tomou posse do novo edificio, porque a inscripcão do portal existente no Museu do Carmo attesta assim como a lista que publicamos, que aquelle tempo o Provedor era D. Pedro de Moura.

Vejamos agora, recorrendo a velhos livros de genealogias, porque os chronistas e historiadores apenas lhe fazem leves referencias, o que podemos apurar acerca d'este D. Alvaro da Costa, tão querido de el-rei D. Manuel, que o elevou ás mais altas categorias da sua corte e o escolheu para medianeiro de seus casamentos e dos de seus filhos.

A noticia mais completa que a seu respeito encontramos no *Livro de genealogia da familia dos Costas*, por Manuel Alvares Pedrosa (genealogista que escreveu em 1705), é ainda assim bas-

tante confusa, e nada positiva com relação a datas de que tanto necessitavamos para restabelecer este ponto duvidoso da nossa chronica.

Diz o genealogista:

«Alvaro da Costa filho deste Martim Roiz de Lemos (§ 1.º) tomou o appellido de Costa de sua mãe e dizem que o Cardeal D. Jorge da Costa, seu tio, o trouxe á Corte, mas não nos consta que lhe fizesse ou alcançasse alguma graça ou favor, sendo seu parente, como fez a outros e a mais que o não eram. Serviu a El-Rey D. Manuel de seu Guarda-Roupa, em seus principios, e por suas boas partes foi d'elle mais estimado, e favorecido e teve com elle muita auctoridade e valia e fiou d'elle negocios de grande consideração e de que deu sempre boa conta como escreve Francisco de Andrade na *Chronica de El-Rey D. João III*, 1.ª parte do cap. 2.º (Dec.º 3.ª de Barros, L.º 5, cap. 8, fl. 140 v.)

«Mandou-o El-Rey a Castella por seu embaixador ao imperador Carlos 5.º no anno de 1517 a tratar o casamento de sua 3.ª mulher a Rainha D. Leonor, irmã do Emperador e a recebeu em nome de El-Rey em Saragoça como diz Damian de Goez na sua *Chronica* (4.ª parte, cap. 33). Elle fez outros muitos serviços pellos quaes El-Rey lhe deu o Dom que n'aquelle tempo era cousa muy honorifica e serviu tempos de seu camareiro-mór e lhe deu o officio de Armeiro-mór que deixou a seu filho D. Duarte da Costa, que está em seus descendentes e o de veedor da Fazenda da dita Rayna D. Leonor. E porque viveu depois destes Srs. nam mais que dous annos nam alcançou maiores premios. E se disse que El-Rey lhe tinha passado um Alvará em que o fazia Marquez da Villa de Pancas que nunca appareceu. Pelo falecimento de El-Rey se retirou a Evora a cuja Misericordia deixou 100.000 réis de juro e morreu n'aquelle cidade e está enterrado na capella do mosteiro de N. Sr.º do Paraíso que comprou ás freiras para sua sepultura. E o que não pouco o illustrou e o que muito devem estimar seus descendentes é haver sido o primeiro Provedor que teve a Santa Casa da Misericordia de Lisboa e o que fez e ordenou os Santos institutos porque se governa. Em gratificação do que teve muitos annos o seu retrato na capella-mór da dita Casa, donde depois o passaram para a Casa do despacho aonde já não apparece nem ha memoria sua, não sey se por descuido de seus successores no ministerio se por incuria dos de seu sangue, que huma e outra cousa he para lastimar. Foi Alvaro da Costa commendador de S. Vicente da Beira, na ordem de Avis, com o habito de Christo com o qual se via no dito seu retrato e o que (juntamente com o dr. Diogo Pacheco, desembargador da Casa da Supplicação) ajustou os contractos do casamento de D. Beatriz, filha d'El-Rey D. Manuel para haver de casar com o duque de Saboya (Carlos Manuel, 1522) como se vê da *Chronica do Rey* (4.ª parte, cap. 1.º)

«Casou com Beatriz de Payva, que depois foi ama d'El-Rey D. João III a qual por-se lhe sear o leyte por certa enfermidade pediu seu marido a El-Rey D. Manuel que em seu logar accitasse a sua cunhada Felipa de Abreu, mulher de Bartholomeu de Payva, como accitou, por Ama (Manuel de Faria e Sousa nas notas ao conde D. Pedro, plana 187) e se refere na *Chronica d'El-Rey D. João III*, parte 1.ª, cap. 2.ª»

Foi elle em Saragoça, em 1517, procurou dissuadir o imperador D. Carlos e o nosso illustre compatriota e navegador Fernão de Magalhães de celebrarem o famoso contracto de navegação; foram inuteis os seus esforços, do que deu parte a el-rei D. Manuel.

Outro genealogista que d'elle se occupa assigna-lhe como data do fallecimento o anno de 1535, e accrescenta:

«D. João III, apesar de não lhe ter boa vontade em razão de ser o tratador do casamento de D. Leonor, acabou o seu conselho. Tendo sepultura em Evora, na capella-mór do lado da epistola, foi sepultado no capitulo de S. Francisco de Xabregas porque morreu em Lisboa e alli descansa com sua mulher D. Isabel de Payva.»<sup>8</sup>

Ainda outro genealogista, que escreveu em 1710, confirma ter sido D. Alvaro da Costa o primeiro Provedor da Misericordia de Lisboa, dizendo:

«...teve a commenda de seu pay mas devia tela com o habito de Xp.º q com elle está pintado na Miz.ª de Lx.ª da q.ª foi o pr.º Prov.º»

Com relação á sua morte e sepultura accrescenta que:

...realizado o casamento lhe deu (El-rey) o dom, fez veador da R. e por viver só dois annos depois lhe não deu mais, etc... e que por morte d'el-rei se retirou a Evora, a cuja Misericórdia deu 100.000 réis de juro na cidade e jaz na capella-mór de Nossa Senhora do Paraíso, que comprou às freiras.»<sup>9</sup>

Fica assim indecisa a data de sua morte e o lugar do fallecimento, sendo, porém, indubitavel que tinha o seu magnifico mausoleu em Evora, no convento do Paraíso, como adeante diremos. Nos numerosos documentos que existem nos livros das *Chancellarias* da Torre do Tombo, quasi todos relativos a tenças e pensões que lhe foram concedidas, não se encontra noticia das datas do seu nascimento e fallecimento.

Foi D. Alvaro da Costa ascendente da maior parte da nobreza do reino.

De sua mulher, Beatriz de Paiva, houve os seguintes filhos:

- 1.º D. Gil Eannes da Costa, que foi homem celebre do reinado de D. João III e jaz sepultado no Mosteiro de Almoester. O primeiro filho d'este Gil Eannes, de nome D. Alvaro da Costa, por alcunha o *Queimado*, foi letrado distincto, cursou em Coimbra theologia e esteve alguns annos em Roma. Foi deão da Sé da Guarda e capellão de el-rei D. João III em 1549. É talvez este o 5.º provedor da Misericórdia, indicado na lista que publicamos, no anno de 1533-1540.
- 2.º D. Duarte da Costa, armeiro-mór do reino, desde 1522, presidente do senado de Lisboa, governador do Brasil (1557), cunhado da segunda mulher de D. Jayme de Bragança. Acompanhou a Infanta D. Brites, filha de D. Manuel, a Saboya (1552); deixou a seus descendentes o cargo de armeiro-mór, que n'elles se perpetuou, chegando a denominar-se os *Costas do armeiro-mór*.
- 3.º D. Manuel da Costa, que morreu mancebo (1532). Foi clérigo camareiro mór do cardeal infante D. Affonso.
- 4.º D. Isabel, que foi mulher de D. Manuel de Sousa, senhor de Miranda, e tronco dos condes de Miranda.
- 5.º Parece ter sido outro filho, de nome Rodrigo, que falleceu creança.

São seus ultimos descendentes os Costas Souseiros, familia que em nossos dias era constituída pelos quatro irmãos D. João duque de Albuquerque, que falleceu sem descendencia, D. Luiz (de quem são filhos o actual sr. conde de Mesquitella e o sr. D. Bernardo da Costa), D. Pedro, conde de Villa Franca, nosso ministro em Hespanha (com seus filhos D. Luiz, que falleceu coronel, e o sr. D. João, medico, engenheiro, lente da Escola Polytechnica) e finalmente D. Antonio da Costa (fallecido sem successão).

Os Costas, até este ultimo fidalgo, duque de Albuquerque, conservaram na corte a dignidade de *armeiros-móres*, continuando nos seus dois successores.

Na Exposição de Arte Ornamental, sala E, n.º 9, como se vê do respectivo catalogo a pag. 385, figurou um — *Livro de armas, dos reis, principes e familias nobres, em pergaminho, em folio, ricamente illuminado, assignado pelo rei de armas de Portugal, a 15 de agosto de 1509.*

Este códice, que por certo era o do armeiro-mór, seria o mesmo que existiu na livreria de D. Manuel, sob n.º 7, descripto pelo sr. Sousa Viterbo a pag. 12 do seu minucioso estudo intitulado — *A livreria real de D. Manuel.*

Este soberano, que mandou a diversas côrtes da Europa o seu rei de armas Antonio Rodrigues para estudar assumptos relativos aos officiaes da nobreza, mandou tambem compilar aquelle precioso códice, em pergaminho, com os brazões d'armas illuminados e dourados, e confiou-o ao armeiro-mór D. Alvaro da Costa, que o transmittiu aos seus successores no cargo. Acha-se hoje em poder d'El-Rei.

Quanto á sepultura de D. Alvaro sabemos o seguinte:

O mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso, da cidade de Evora, foi fundado em 1460 por tres irmãs da familia Galvão, religiosas terceiras dominicanas;<sup>10</sup> teve um grande protector em D. Alvaro da Costa, e em agradecimento aos beneficios recebidos deram-lhe o titulo de *padroeiro*.

...Sobre a entrada da igreja está o brasão de D. Alvaro da Costa; talvez por ser o padroeiro — Costa — é a abobada do templo artozoada em costellas;<sup>11</sup> nos pontos onde os arcos paralelos

cortam a linha média, ha flores lavrados e pintados. Azulejos antigos interessantes, lisos com desenhos de arabescos, revestem parte das paredes; os do tumulo de D. Alvaro, devem ser da epocha do ediculo, 1536. Este tumulo está na capella mór; é um formoso exemplar do estylo renascença, mostrando a variante de ter nos medallhões os bustos mui salientes e vasados os fundos; na parte superior do elegante ediculo está a data 1535, e nos lados 1536. Na parede fronteira jazem tres filhos de D. Alvaro, Duarte, Manuel e Rodrigo, que morreram crianças.»<sup>12</sup>

<sup>9</sup> A reprodução d'este quadro encontra-se no *Ocidente*, vol. ... pag.

<sup>10</sup> O quadro havia já sido restaurado em 1861 por ordem do Provedor Visconde de Benagazil. (Artigo do sr. Gabriel Pereira, adeante citado).

<sup>11</sup> Acta de 6 de fevereiro de 1889.

<sup>12</sup> Livro das actas de 1889, fl. 11, e *Registro de cartas*, liv. 23, fl. 58.

<sup>13</sup> Baseando por certo esta opinião no que diz Raczyński a pag. 317 do seu livro *Les arts en Portugal*, onde cita o *Abecedario pictórico*, de Pellegrin Antonio Orlandi, augmentado por P. Guarienti, Veneza, 1753. Blas del Prado nasceu em Toledo em 1497 e morreu pelos annos de 1564. Era retratista exímio. Deixou grande numero de quadros. (*Apud Catalogo del museo de pintura de Madrid*, na noticia acerca do quadro n.º 170, Ceán Bermúdez, no *Diccionario historico*, 1800, tomo IV, pag. 116, diz que uns lhe attribuem a morte em 1527, outros em 1563. Não relata que elle viesse a Portugal, nem se refere a este quadro.

<sup>14</sup> *Códice manuscrito*, da Bibliotheca Nacional, C-3-13.

<sup>15</sup> *Damião de Góes*, parte IV, cap. xxxv I.

<sup>16</sup> *Noticia feita pelo bispo da Guarda D. Jose Antonio Pinto de Mendonça Arraes*, colligida por Barbosa Canaes. *Códice manuscrito*, D-6-14.

<sup>17</sup> Manuel de Carvalho e Athayde, *Familias de Portugal*, 1701 e 1702 até 1710. *Manuscrito* n.º 348 da *Colecção Pombalina*, fl. 3-658, tomo IV, letra C.

<sup>18</sup> *Agriologia*, tomo II pag. 285.

<sup>19</sup> As armas dos Costas são: em campo vermelho, seis costas de prata, firmadas no escudo e postas em tres faxas, e por timbre duas costas das armas em aspa, atadas com uma fita vermelha.

<sup>20</sup> *Estudos eborenses. Conventos de freiras*. 1.ª parte, *Paraíso, Santa Clara, S. Bento*. Evora, 1886, por Gabriel Pereira.

(Continúa).

### Licções de photographia

Num estudo acerca da revelação pelo diamidophenol, Balagux preconizou o seu emprego, combinado com o bisulphito de soda, de modo a preparar-se um banho ácido, methodo, que hoje, se estende tambem a qualquer papel sensibilizado para photographias devendo-se empregar, para isso, a luz artificial. O banho a preparar é o seguinte:

Agua .....	150 cent. <sup>3</sup>
Diamidophenol.....	1 gr.
Sulphito de soda ambydro ..	2 "
Bormeto de K a 10 0/0.....	5 cent. <sup>3</sup>
Bisulphito de soda.....	10 "

agitando-se a mistura antes de a usar e devendo-se empregar utensilios que não teaham nenhum vestigio de alkali.

Deita-se o banho na prova — a revelação não é, porem, rapida.

Fixa-se a chapa, com o hyposulphito, lava-se e secca-se como no processo ordinario.

### O methodo Berlitz no Brasil

Hubert et Alexandre Bruns

Mais de uma vez nos temos referido a estes distinctos professores de linguas modernas, e que, tem sido os directores do «Berlitz School of Languages» de Lisboa.

O primeiro d'estes professores sr. Hubert Bruns, de que publicamos o retrato, iniciou, ha pouco, a fundação de uma escola no Brasil, n'uma das ruas mais concorridas da capital federal, a rua do Ouvidor.

O grande numero de alumnos que teem assistido ao ensino practico das linguas vivas teem obtido, n'um curto nemero de licções, um vasto conhecimento da lingua que se propozeram estudar. Segundo criticas locais, o methodo Berlitz é um assombro, pelo que respeita a intuição e claresa. O gesto, a demonstração practica, a designação dos nomes, é tudo quanto basta para o professor sem dizer uma palavra, se faça perceber pelo alumno que se acha perfeitamente em terreno desconhecido, na comprehensão de qual-

quer palavra de uma lingua que para elle lhe é absolutamente estranha.

Alexandre Bruns que hoje dirige a «Berlitz School of Languages» de Madrid e que ha pouco tempo, recebeu a honra de ser nomeado professor de linguas do rei de Hespanha Affonso XIII, foi agora condecorado com a gran-cruz da Ordem Real da Coróa, pelo imperador da Alemanha, Guilherme II, como premio dos seus serviços, condecoração que lhe foi conferida por intermedio do embaixador da Alemanha, em Madrid.



HUBERT BRUNS

Mais uma vez, teem visto, os insignes professores, coroado do melhor exito a sua tentativa de propagação do estudo das linguas por um methodo novo, essencialmente pratico, como sempre deveria ser, o methodo adoptado para o ensino e estudo de toda e qualquer lingua.



Recebemos e agra decemos as seguintes:

**Missa nova**, por Bento Faria, peça em 1 acto, em verso (representada pela primeira vez no theatro do Gymnasio a 28 de julho de 1905, em recita promovida pela Sociedade do Theatro Livre). Livreria Viuva Tavares Cardoso, editora, Lisboa.

Não assistimos ao desempenho d'esta peça; entretanto, como obra impressa, em 40 paginas, parece-nos documento comprovativo de que o auctor não é destituido de merecimento litterario.

A summula é a seguinte: um padre lastimando-se a outro padre por lhe ser defeso ao coração expandir-se nos sonhos do amor.

Não poderia Bento Faria empregar melhor o seu tempo e a sua intelligencia?

A nós, disse-nos quem frequentou o Gymnasio por conveniencias de interesse pessoal, que tudo aquillo dava uns certos ares de lupanar.

Não obstante affigurar-se-nos insuscepta semelhante opinião, tinhamo-la de remissa para opportuno ensejo.

Quer exaggerada, quer não, a urdidura de *Missa Nova* faz-nos crer que ella era conscienciosa.

«Os extremos tocam-se» e ha sempre vagar para se entrar a tempo.

**Bons ditos de reis, principes e outras personagens portuguezas e estrangeiras, extrahidos, traduzidos, compilados e prefaciados por Faustino**

da Fonseca. Livraria Viuva Tavares Cardoso, editora, Lisboa.

No prefácio d'este volume que, incluindo o índice, consta de 259 paginas, diz Faustino da Fonseca: «Sem constituirem historia, valem mais os ditos e as anedoctas que a historia escripta por chronistas estipendiados, porque conservam o feitiço humano das figuras, rasgando-lhes as trapagens heroicas em lampejos de realismo».

**Polikouchka (1860)**—Na floresta (1854—1855)—Amo e creados, por *Leão Tolstoi*, Livraria Viuva Tavares Cardoso, editora, Lisboa.

São tres novelas, reunidas n'um unico volume de 387 paginas e traduzidas por Joaquim Leitão.

O grande escriptor Tolstoi ahi pinta em quadros d'um colorido genial a existencia dos servos da gleba, dos creados, dos proprietarios, dos senhores e do soldado, russos.

A novela *Na floresta* limita-se apenas ao quadro militar do serviço no Caucaso, em lucta contra os tartaros.

N'este volume, como afinal em todos os da sua penna privilegiada, o nobre protector dos opprimidos arranca o applauso da consciencia dos leitores, e um brado unanime em favor da dignidade humana.

A traducção é que não está em harmonia com as bellezas do original, e ainda com o judicioso imperio do dever de patriota em acatamento para com o formoso idioma de Vieira e de Camões.

Traduzir não é uma brincadeira nem se admite que seja negocio de enganar o publico.

Ora, o publico, em geral, fica enganado, lendo este volume, porque, além da falta de rigor interpretativo e de revisão, encontra-se perfeitamente em branco em mais de um ponto, onde nada foi vertido nem explicado.

Sentimos haver sido rudés na



TUMULO DE D. ALVARO DA COSTA

apoucada critica, por nos merecer sympathia e estima a pessoa de Joaquim Leitão.

**M. edas romanas da bibliotheca da Universidade de Coimbra.** (*Ensaio de catalogo*) por *Mendes dos Remedios*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

E' este um volume, de formato grande, abrangendo 74 paginas, das quaes as primeiras 18—*Introdução*—instruem o leitor no que é concernente a nomenclatura na bibliotheca universitaria.

Mendes dos Remedios honrou-se pessoalmente com este seu novo trabalho de provada erudição e de significado historico.

**Progresso de Lourenço Marques,** numero do Natal de 1905.

E' um numero de 32 paginas, nitidamente impresso, muito bem colloborado e ornado com algumas vinhetas artisticamente dispostas. A parte litteraria está firmada por escriptores de merito, taes como Pereira Segadães, A. Moreno, Augusto Taveira, João Saudades, Manuel d'Arriaga, (Lemila Mano), (Soldado-Tartaro), Laurentino A. Fernandes, Moreira de Vasconcellos e Athero de Quental (excerpto).

Completa este esplendido numero uma boa e escolhida colleção de annuncios das principaes casas commerciaes de Lourenço Marques, d'entre ellas deparamos com o da livraria e papelaria do nosso presado correspondente e amigo sr. Carvalho e Silva.

Por todos os motivos é um numero digno de adquirir-se e recommendal-o é de toda a justiça.

—Arthur Gottschalk—D'este distincto engenheiro, estabelecido ha mezes no palacio Foz, em Lisboa, recchemos um bonito e elegante calendario de parede para 1906, que muito agradecemos.

## ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 411, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

## A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES  
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º  
LISBOA

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephónico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR

N.º TELEPHONICO 300

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences  
PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

## Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

## Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A  
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata

Exposição Universal de Paris de

1900 Grand Prix—

Exp. de S. Luiz 1904

Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES  
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico

com Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Afonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Allemannha

Professores de S. A. o Principe Frider. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemao, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite